

WALY SALOMÃO: A FABRICAÇÃO DA POESIA

LIZ MARIA TELES DE SA ALMEIDA (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA).

Resumo

ESTE TRABALHO TRATA DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO POÉTICA DO COMPOSITOR E POETA BAIANO WALY SALOMÃO (1944–2003). WALY, SECRETÁRIO NACIONAL DE LEITURA (2003, GESTÃO DO MINISTRO GILBERTO GIL) FOI POETA QUE ACREDITAVA NA LEITURA COMO FORMA DE LIBERTAÇÃO, “EU PRECISO LER, LER, LER, NISTO EU CUMPRO OS VERSOS DE CASTRO ALVES QUE DIZ: ‘LIVROS, LIVROS À MANCHEIA’. ACREDITAVA QUE O LIVRO PODERIA SER COMO A CARTA DE ALFORRIA E A ARTE A POSSIBILIDADE DE SALVAR A HUMANIDADE, E PORTANTO, CONSTRÓI SEUS VERSOS OPERANDO INSISTENTEMENTE COM A METALINGUAGEM (FUNÇÃO DA LINGUAGEM CUNHADA POR ROMAN JAKOBSON, 1971a), ORA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DO POETA DE SEU TEMPO, ORA PARA RECLAMAR UM LEITOR MAIS PARTICIPATIVO, CRÍTICO E ENGAJADO, TAMBÉM PARA REFLETIR O SEU FAZER POÉTICO. O OBJETIVO DESTA COMUNICAÇÃO É REFLETIR EM QUE MEDIDA A METAPOESIA DE WALY SE CARACTERIZA, ASSIM COMO SITUÁ-LO COMO POETA PÓS-MODERNO POR PRODUZIR HISTORICAMENTE EM TEMPOS PÓS-MODERNOS E TER EM SEUS TEXTOS CARACTERÍSTICAS DESTE MOMENTO, TAIS COMO: INCOMPREENSIBILIDADE, DECIFRAMENTO, AMALGAMENTO INTERTEXTUAL, AUTO-REFERENCIAÇÃO ETC. A POESIA DE WALY NA MEDIDA EM QUE É METALINGUISTICA E INTERTEXTUAL POR EXCELÊNCIA, EXERCITA A RACIONALIDADE, POR OUTRO LADO TAMBÉM NÃO ABRE MÃO DO DELÍRIO, DA VIAGEM, DO DESBUNDE NESTE SENTIDO É QUE A “FABRICAÇÃO DE SUA POESIA” DIFERE DA DE OUTRSO POETAS COMO CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE OU JOÃO CABRAL DE MELO NETO.

Palavras-chave:

POESIA, METALINGUAGEM, PÓS-MODERNIDADE.

Breve passeio pelo universo pós-moderno

A lírica pós-moderna traz consigo além da figura do poeta como crítico, que apresenta conscientemente um projeto de poesia, (o que na verdade já se manifestara no Modernismo), a preocupação com uma nova forma de expressão que não se prende necessariamente ao conteúdo, ou melhor dito, que se prende a vários conteúdos, o que implica também uma expressão *vária* (e aí, sim, estamos frente ao Pós-Modernismo). Trata-se para usar aqui um sintagma de Torquato Neto: da *geléia geral*. Daí o fusionismo ser o traço mais evidente da estética pós-moderna, e não só no que diz respeito à Literatura, mas a todas as manifestações artísticas.

O desejo antropofágico da estética pós-moderna de devorar tudo deve-se ao contexto histórico em que surge, este movimento no Brasil. Segundo Jair Ferreira dos Santos, em seu livro *O que é pós-modernismo?*^[1] (1986, p.8), no qual inicia tal debate para leitores interessados nesta temática, por volta da década de 50, com o advento da informática e a arquitetura, nasce a pós-modernidade, na década de 60 aparece por meio da arte Pop e cresce ao entrar na Filosofia na década de 70 como crítica da cultura ocidental. Após este período, a pós-modernidade invade o cotidiano, pela informática, tecnociência,

comportamento, moda, cinema, literatura etc, apresentando, principalmente por meio dos meios de comunicação de massa, um excesso de informações.

No Brasil, o contexto de surgimento do pós-modernidade é este apresentado por Ferreira (1986) e uma das principais características desencadeadas por esse contexto tumultuado é o simulacro, a representação que vale mais que o real, o resultado da simulação. No entanto, é possível observar desde a década de 50 em todo o mundo um movimento aparentemente semelhante que ainda diverge quanto à nomenclatura.

O filósofo francês Jean-François Lyotard defendeu que Pós-modernidade é uma condição e caracteriza-se pela deslegitimação dos esquemas das grandes narrativas que não convencem mais. Outro filósofo francês Gilles Lipovetsky preferiu utilizar o termo "hipermodernidade" por acreditar que o "pós" não rompe com a modernidade e não indica o que vem depois desta, como sugere o prefixo. Segundo Lipovetsky a "hipermodernidade" expande as características da sociedade moderna, como exemplo: o individualismo, o consumo exacerbado, a fragmentação da identidade, desreferenciação do tempo e do espaço. Já o sociólogo Zygmunt Bauman (2001) considera pós-modernidade um modo de chamar a modernidade póstuma, em um de seus livros prefere o termo "modernidade líquida"- flexível, volúvel na qual os modelos e estruturas não duram o suficiente - definindo este fenômeno como uma realidade ambígua em que "tudo que é sólido se desmancha no ar"[2].

A situação da lírica na pós-modernidade

A um tempo, paráfrase (norma) e paródia (*desvio*), a poética da pós-modernidade cria uma junção entre incompreensibilidade e fascinação, e propõe ao leitor um jogo de deciframento. Esse jogo opera no campo da espacialidade, da fragmentação, da negação da referencialidade linear, do amalgamento intertextual, da auto-referenciação, é fruto da relação crítica do autor com o texto na sua ordem tradicional, da exploração crítica das potencialidades expressivas da língua e do código escrito e, por isso, exige o posicionamento crítico do leitor. Assim a poesia pós-moderna pede para ser entendida não decifrada. Do mesmo modo, tais mudanças podem ser percebidas também na ficção que surge no ambiente pós-moderno. Há uma despreocupação com a originalidade, em detrimento do uso do pastiche, da paródia. E o resgate das formas gastas como o romance histórico, policial e de ficção científica.

A poesia apresenta-se despreocupadamente com relação à forma, algumas estendem-se a ponto de visualmente confundirem-se com o texto em prosa, é uma desdefinição da forma tradicional. Tanto a lírica quanto a ficção apresentarão temáticas várias, referências exageradas, muitas citações, bricolagem e um retorno à própria literatura, ao fazer poético e literário, à reivindicação de um leitor crítico e à reflexão sobre a situação do poeta de seu tempo. Portanto, a lírica pós-moderna constitui-se com um caráter intertextual e metalingüístico, exige um leitor mais engajado, conhecedor de textos outros.

É precisamente nesse ambiente de pós-modernidade, onde ter estilo é não ter estilo, ou ter estilo é ter todos os estilos, que devemos compreender poetas como o já citado Torquato Neto e Waly Salomão. *A fabricação da poesia* deste último, um sírio-sertanejo baiano revela uma tentativa de compreender o processo de construção poética e desse modo, propõe uma nova *concepção mixórdica* de poesia, seja quanto aos temas, seja quanto às formas. Por isso, num mesmo

poema de Waly Salomão há varias histórias, há vários dizeres, sobretudo poéticos, o que exige um leitor com bom repertório (literário, musical, teatral etc.)

Meta linguagem e outras metas

Em 1967 Haroldo de Campos teorizou sobre a função da linguagem proposta por Roman Jakobson: a metalinguagem. Também propôs uma reflexão acerca desse recurso tão utilizado pelos cânones da literatura (Machado de Assis, João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, Murilo Mendes etc.). Segundo Campos, a crítica, a tradução são atividades metalingüísticas pois constituem linguagem sobre a linguagem. E o objeto, ou "linguagem-objeto" dessa metalinguagem é a obra de arte. Segundo este autor, a crítica como metalinguagem é o caminho escolhido para entender os "problemas concretos da poesia e da prosa brasileira contemporânea" (CAMPOS, 2004, p.12).

Seria então, ao investigar a obra de invenção de alguns poetas escolhidos por Campos, que se apreciaria o potencial inventivo de cada um. Desse modo foi possível perceber como a metalinguagem revela os diálogos entre cada autor e os textos e outros autores do seu tempo.

(...) "aqui caberia lembrar a tese de Charles Sanders Peirce, segundo a qual todo signo traduz-se em outro signo, que o desenvolve mais amplamente ou mais condensadamente.

É o que faz a *crítica* - a literária, por exemplo, comporta-se metalingüisticamente diante do seu objeto de estudo.

É o que faz a *tradução*: recupera a qualidade sensível do original e a surpreende na recriação do (novo) texto.

É o que faz o *dicionário*: tenta dar conta mais amplamente possível das relações de significância das palavras." (CHALHUB, 1993: p.55)

É a partir dessa definição resumida por Chalhub da função metalingüística que refletiremos a poesia de Waly Salomão, poeta cuja obra está impregnada de metalinguagem, sendo possível até afirmar que esta é um traço indissociável de sua produção literária/musical.

A função metalingüística no texto poético de Waly vai reclamar, assim, um leitor mais participativo, capaz de dialogar com o criador sobre a obra e o fazer poético. A poesia exige um leitor/receptor mais engajado, capaz de produzir algo que não é fruto da inspiração, como cultuamos por muito tempo, mas fruto do trabalho e estudo do poeta, um eterno fazer, desfazer, refazer até chegar o ponto de materialização do poema.

As poesias de Waly Salomão não compõe uma obra pedagogizante como fora a do também poeta Ezra Pound, mas produz uma obra que adverte o leitor de poesia, convida-o a praticar o exercício poético e pragmatiza, exercita todas as leituras realizadas pelo poeta baiano ao longo de sua vida, de Drummond à Pound; de poesia ou do fazer poético. Compôs poemas cujos temas refletiam o fazer poético e criticou poetas que indicavam receitas prontas para se fazer poesia. Dono de um

discurso livre, desprendido de quaisquer normas e preceitos, demonstra antes de tudo preocupar-se com os que trabalham com a construção poética. Segundo Davi Argucci Jr. (1996), "o primeiro mérito de Waly é trazer para o centro da lírica brasileira a experiência do descentramento de nossos dias e a situação problemática do poeta do mundo contemporâneo". Ao retomar tal discussão em seus textos líricos, Waly constrói a chamada metapoesia, um procedimento caro à modernidade e, sobretudo, à pós-modernidade: poesia sobre poesia.

O poeta dos Babiliaques

Poeta, escritor, compositor, ator, militante revolucionário, de uma versatilidade inconfundível, Waly Salomão nasceu em Jequié, interior da Bahia. Filho de pai sírio com uma baiana, participou de movimentos como a Tropicália, embora fosse avesso aos rótulos de tropicalista que recebeu. Conviveu com artistas deste movimento, Jards Macalé, Caetano Veloso, Maria Betânia, Torquato Neto, Gilberto Gil e Gal Costa. Com Macalé e Torquato fez parceria em composições musicais; para Gal produziu músicas bem como alguns shows. Mais tarde teve como parceiros nas produções musicais artistas como Caetano Veloso ("*Mel*", "*Talismã*"), Adriana Calcanhoto ("*A fábrica do poema*", "*Pista de dança*"), Lulu Santos ("*Assaltaram a gramática*") e Frejat ("*Balada de um vagabundo*").

Amante dos livros, pouco antes de sua morte em 2004, assumiu cargo na Secretaria da Leitura, a convite do ministro Gilberto Gil. Defensor da leitura enquanto forma de libertação, "eu preciso ler, ler, ler, nisso eu cumpro os versos de Castro Alves que diz 'livros, livros à macheia'", para Waly, o livro é uma carta de alforria e a arte uma possibilidade de salvar a humanidade. Na Secretaria de Leitura tinha uma série de propostas para baratear o custo das editoras e facilitar o acesso ao livro em nosso país. Uma de suas propostas consistia em acrescentar livros na cesta básica dos brasileiros.

Lançou seu primeiro livro em 1972 intitulado "*Me segura que vou dar um troço*", este surgiu durante o período em que Waly esteve preso na década de 60 por porte de uma "bagana". Escreveu também a biografia do artista plástico e amigo Helio Oiticica, *Qual é Parangolé?* (1996 e 2004); Em 1996 publicou o também o premiado *Algaravias- Câmara de Ecos*. Neste mesmo ano recebeu dois prêmios por esta obra o Alphonsus de Guimarães e o Pêmio Jabuti; Ainda é de sua autoria as obras: *Lábia* (1998), *Tarifa de embarque* (2000); *O mel do melhor* (2001) e *Pescados Vivos* (2004).

Quantitativamente não foi vasta a obra de Waly, no entanto foi muito significativa sua contribuição no campo literário e musical e alguns aspectos de sua poesia merecem ser discutidos. Aqui, nos deteremos a entender como Waly opera como metalinguagem em sua construção poética.

A procura do poema

É a obra de Waly um caminho para entender a metalinguagem assim como é a metalinguagem um meio de entender a poética de Waly Salomão.

Trata-se de poesia que traz como temática o fazer poético. Denuncia a situação do poeta em seu tempo. Exige um leitor mais engajado que tenha compromisso com a

arte literária e que não trate o processo de escrever poesia como inspiração, mas um exercício cotidiano, até chegar a materialização do poema. Tomaremos como exemplo para nossa análise o poema *Fábrica do poema, assim como alguns textos de outras poesias de Waly*.

Em *Fábrica do poema* (NR: *Algarvias Referência bibliográfica*), têm-se um eu lírico em conflito pela trajetória percorrida durante a construção de um poema. Tal é sua angústia que o poema é revelado oniricamente em sua "arquitetura ideal" (SALOMÃO, 2001, p.79-81).

Um elemento caracteriza *Fábrica do poema* como um poema pós-moderno típico; o dilaceramento, a fragmentação caracterizada nos versos "e o poema todo se esfarrapa, fiapo por/ fiapo" (p. 79, l.8-l.9) e na sua forma de construção, há versos dispersos ao longo do poema.

Ainda no primeiro parágrafo os elementos considerados pelo eu-lírico de sustentabilidade do poema "o prédio, pedra e cal" (p.79) evoluem-se. Neste, tal qual o pernambucano João Cabral de Melo Neto, Waly refere-se metaforicamente a tarefa de escrever poesia assim como trabalhar em uma construção de concreto.

Na segunda estrofe, de forma angustiante o eu-lírico evoca figuras de linguagem desejando que estas colaborassem com a construção do poema que não se constitui:

"sinédoques, catacreses,

metonímias, aliteraões, metáforas,

oxímoros, sumidos no sorvedouro.

não deve adiantar grande coisa" (SALOMÃO,2001:p.80)

E uma confirmação: ainda que finja um sono, a poesia não se formará no inconsciente, e ainda que se forme, não se saberá "sob que máscara retornará o recalcado?". Waly, leitor luterano de Drummond, deixa revelar, por meio do eu-lírico da poesia, que não adianta ficar na espreita e vigiar, pois não se sabe como as leituras outras que o influenciou aparecerão no texto. Neste fragmento é possível perceber o amalgamento intertextual realizado com *A procura da poesia*, pois, é semelhante a batalha travada com as palavras na constituição do poema. Em *Ler Drummond*[3] o intertexto é claramente evidenciado (p.44)

"Estoicismo sem consolo nem vanglória.

A procura da poesia é um aparelho processador/ reprocessador

Que nulifica bazófias.

Sherazadiar:

Ler Drummond pela milionésima e mais uma vez e mais..."

Neste poema é revelado, de modo ensaístico, toda a sensação provocada no leitor ao tomar contato com a poesia drummondiana que é considerada "*uma aventura adâmica, / um convite renovado ao espanto e a surpresa*" (p.43), há nele momentos de auto-referenciação, o autor, por meio do eu-lírico de sua poesia, revela suas experiências de leitura do poeta de Itabira.

Assim como acontece em *Fábrica do Poema e Ler Drummond* outros escritos de Waly são marcados de momentos metalingüísticos. Outro exemplo está no poema musicado por Adriana Calcanhoto[4]: REMIX "*SÉCULO VINTE*", um poema-jogo, o qual propõe ao leitor uma brincadeira lingüística, para tanto este terá que escolher palavras e levá-las "como **souvenirs**". No poema, todas as palavras escolhidas estão dentro do campo semântico "século vinte" a partir de seleção própria do autor, são algumas delas: pop, tropicália, parangolé, cibernética, maconha, sagarana, existencialismo, biopirataria, dada, internet, navilouca, poetizar, despoetizar.

É, pois, a metalinguagem um dos caminhos utilizados por Waly que inserem suas poesias no ambiente da pós-modernidade. Ao utilizar a função proposta por Jakobson (1971), Waly propõe um questionamento dos valores da tradição, e aí estamos novamente frente ao pós-modernismo, fazendo um retorno aos modernos - questionando, ou relendo-os criticamente - e reivindicando para os poetas deste contexto toda autoridade pela contribuição que tiveram sobre sua prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar Editor, 2001.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem**. Petrópolis; Vozes, 1970.

ECO, Umberto. **Sobre literatura**. Trad. De Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde, 1960/1970**, RJ: Rocco, 1992.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971a.

_____. **Estruturalismo e poética**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971b.

SALOMÃO, Waly. **Armarinho de miudezas**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

SALOMÃO, Waly. **Algaravias-Câmaras de ecos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

SALOMÃO, Waly. **Pescados vivos**. 2004, Rio de Janeiro: Rocco, 79 p.

SALOMÃO, Waly. **O mel do melhor**. 2001, Rio de Janeiro: Rocco, 122 p.

[1] SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-modernismo**. São Paulo: Brasiliense, 1986, 111p.

[2] BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar Editor, 2001.

[3] SALOMÃO, Waly. **Pescados vivos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004, 79 p.

[4] Do álbum **Público**, gravadora Sony-BMG, 2000.

Waly Salomão: a fabricação da poesia

Liz Maria Teles de Sá Almeida¹

Resumo: Este trabalho trata da metalinguagem no processo de composição poética do letrista e poeta baiano Waly Salomão (1944-2003). Waly, secretário nacional de leitura (2003, gestão do ministro Gilberto Gil) foi poeta que acreditava na leitura como forma de libertação, "eu preciso ler, ler, ler, nisto eu cumpro os versos de Castro Alves que diz: 'livros, livros à mancha'". Acreditava no livro como a carta de alforria e, portanto, constrói seus versos operando insistentemente com a metalinguagem, ora para discutir a situação do poeta de seu tempo, ora para reclamar um leitor mais participativo, crítico e engajado, também para refletir a relevância do fazer poético. O objetivo desta comunicação é refletir em que medida a metapoética de Waly se caracteriza, assim como situá-lo como poeta pós-moderno por produzir historicamente em tempos pós-modernos e ter em seus textos características deste momento, tais como: incompreensibilidade, deciframento, fragmentação, amalgamento intertextual, auto-referenciação etc.

Palavras-chave: pós-modernidade; metalinguagem; Waly Salomão; poesia.

Breve passeio pelo universo pós-moderno

A lírica pós-moderna traz consigo além da figura do poeta como crítico, que apresenta conscientemente um projeto de poesia, (o que na verdade já se manifestara no Modernismo), a preocupação com uma nova forma de expressão que não se prende necessariamente ao conteúdo, ou melhor dito, que se prende a vários conteúdos, o que implica também uma expressão *vária* (e aí, sim, estamos frente ao Pós-Modernismo). Trata-se para usar aqui um sintagma felicíssimo de Torquato Neto, da *geléia geral*. Daí o fusionismo ser o traço mais evidente da estética pós-moderna, e não só no que diz respeito à Literatura, mas a todas as manifestações artísticas.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade do Estado Bahia-UNEB

O desejo antropofágico da estética pós-moderna de devorar tudo deve-se ao contexto histórico em que surge, este movimento no Brasil. Segundo Jair Ferreira dos Santos, em seu livro *O que é pós-modernismo?*² (1986, p.8), no qual inicia tal debate para leitores interessados nesta temática, por volta da década de 50, com o advento da informática e a arquitetura, nasce a pós-modernidade, na década de 60 aparece por meio da arte Pop e cresce ao entrar na Filosofia na década de 70 como crítica da cultura ocidental. Após este período, a pós-modernidade invade o cotidiano, pela informática, tecnociência, comportamento, moda, cinema, literatura etc, apresentando, principalmente por meio dos meios de comunicação de massa, um excesso de informações.

No Brasil, o contexto de surgimento do pós-modernidade é este apresentado por Ferreira (1986) e uma das principais características desencadeadas por esse contexto tumultuado é o simulacro, a representação que vale mais que o real, o resultado da simulação. No entanto, é possível observar desde a década de 50 em todo o mundo um movimento aparentemente semelhante que ainda diverge quanto à nomenclatura.

O filósofo francês Jean-François Lyotard defendeu que Pós-modernidade é uma condição e caracteriza-se pela deslegitimação dos esquemas das grandes narrativas que não convencem mais. Outro filósofo francês Gilles Lipovetsky preferiu utilizar o termo “hipermodernidade” por acreditar que o “pós” não rompe com a modernidade e não indica o que vem depois desta, como sugere o prefixo. Segundo Lipovetsky a “hipermodernidade” expande as características da sociedade moderna, como exemplo: o individualismo, o consumo exacerbado, a fragmentação da identidade, desreferenciação do tempo e do espaço. Já o sociólogo Zygmunt Bauman (2001) considera pós-modernidade um modo de chamar a modernidade póstuma, em um de seus livros prefere o termo “modernidade líquida”- flexível, volúvel na qual os modelos e estruturas não duram o suficiente – definindo este fenômeno como uma realidade ambígua em que “tudo que é sólido se desmancha no ar”³.

A situação da lírica na pós-modernidade

² SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-modernismo**. São Paulo:Brasiliense, 1986, 111p.

³ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar Editor,2001.

A um tempo, paráfrase (NORMA) e paródia (*desvio*), a poética da pós-modernidade, por isso mesmo, cria uma junção entre incompreensibilidade e fascinação, propõe ao leitor um jogo de deciframento. Esse jogo opera no campo da espacialidade, da fragmentação, da negação da referencialidade linear, do amalgamento intertextual, da auto-referenciação, é fruto da relação crítica do autor com o texto na sua ordem tradicional, fruto da exploração crítica das potencialidades expressivas da língua, e do código escrito e exige o posicionamento crítico do leitor. Assim a poesia pós-moderna pede para ser entendida não decifrada. Do mesmo modo, tais mudanças podem ser percebidas também na ficção que surge no ambiente pós-moderno. Há uma despreocupação com a originalidade, em detrimento do uso do pastiche, da paródia. E o resgate das formas gastas como o romance histórico, policial e de ficção científica.

A poesia se apresenta despreocupadamente com relação à forma, algumas se estendem a ponto de visualmente se confundirem com o texto em prosa, é uma desdefinição da forma tradicional. Tanto a lírica quanto a ficção apresentarão temáticas várias, referências exageradas, muitas citações, bricolagem e um retorno à própria literatura, ao fazer poético e literário, à reivindicação de um leitor crítico e à reflexão sobre a situação do poeta de seu tempo. Portanto, a lírica pós-moderna constitui-se com um caráter intertextual e metalingüístico, exige um leitor mais engajado, conhecedor de textos outros.

É precisamente nesse ambiente de pós-modernidade, onde ter estilo é não ter estilo, ou ter estilo é ter todos os estilos, que devemos compreender poetas como o já citado Torquato Neto e Waly Salomão. *A fabricação da poesia* deste último, um sério-sertanejo baiano revela uma tentativa de compreender o processo de construção poética e desse modo, propõe uma nova *concepção mixórdica* de poesia, seja quanto aos temas, seja quanto às formas. Por isso, num mesmo poema de Waly Salomão há várias histórias, há vários dizeres, sobretudo poéticos, o que exige um leitor com bom repertório (literário, musical, teatral etc.)

Meta linguagem e outras metas

Em 1967 Haroldo de Campos teorizou sobre a função da linguagem proposta por Roman Jakobson: a metalinguagem. Também propôs uma reflexão acerca desse recurso

tão utilizado pelos cânones da literatura (Machado de Assis, João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, Murilo Mendes etc.). Segundo Campos, a crítica, a tradução são atividades metalingüísticas pois constituem linguagem sobre a linguagem. E o objeto, ou “linguagem-objeto” dessa metalinguagem é a obra de arte. Segundo este autor, a crítica como metalinguagem é o caminho escolhido para entender os “problemas concretos da poesia e da prosa brasileira contemporânea” (CAMPOS, 2004, p.12).

Seria então, ao investigar a obra de invenção de alguns poetas escolhidos por Campos, que se apreciaria o potencial inventivo de cada um. Desse modo foi possível perceber como a metalinguagem revela os diálogos entre cada autor e os textos e outros autores do seu tempo.

(...) “aqui caberia lembrar a tese de Charles Sanders Peirce, segundo a qual todo signo traduz-se em outro signo, que o desenvolve mais amplamente ou mais condensadamente.

É o que faz a *crítica* – a literária, por exemplo, comporta-se metalingüisticamente diante do seu objeto de estudo.

É o que faz a *tradução*: recupera a qualidade sensível do original e a surpreende na recriação do (novo) texto.

É o que faz o *dicionário*: tenta dar conta mais amplamente possível das relações de significância das palavras.”

(CHALHUB, 1993, p.55)

É a partir dessa definição resumida por Chalhup da função metalingüística que refletiremos a poesia de Waly Salomão, poeta cuja obra está impregnada de metalinguagem, sendo possível até afirmar que esta é um traço indissociável de sua produção literária/musical.

A função metalingüística no texto poético de Waly vai reclamar, assim, um leitor mais participativo, capaz de dialogar com o criador sobre a obra e o fazer poético. A poesia exige um leitor/receptor mais engajado, capaz de produzir algo que não é fruto da inspiração, como cultuamos por muito tempo, mas fruto do trabalho e estudo do poeta, um eterno fazer, desfazer, refazer até chegar o ponto de materialização do poema.

As poesias de Waly Salomão não compõe uma obra pedagogizante como fora a do também poeta Ezra Pound, mas produz uma obra que adverte o leitor de poesia, convida-o a praticar o exercício poético e pragmatiza, exercita todas as leituras

realizadas pelo poeta baiano ao longo de sua vida, de Drummond à Pound; de poesia ou do fazer poético. Compôs poemas cujos temas refletiam o fazer poético e criticou poetas que indicavam receitas prontas para se fazer poesia. Dono de um discurso livre, desprendido de quaisquer normas e preceitos, demonstra antes de tudo preocupar-se com os que trabalham com a construção poética. Segundo Davi Argucci Jr. (1996), “o primeiro mérito de Waly é trazer para o centro da lírica brasileira a experiência do descentramento de nossos dias e a situação problemática do poeta do mundo contemporâneo”. Ao retomar tal discussão em seus textos líricos, Waly constrói a chamada metapoesia, um procedimento caro à modernidade e, sobretudo, à pós-modernidade: poesia sobre poesia.

O poeta dos Babilaques

Poeta, escritor, compositor, ator, militante revolucionário, de uma versatilidade inconfundível, Waly Salomão nasceu em Jequié, interior da Bahia. Filho de pai sírio com uma baiana, participou de movimentos como a Tropicália, embora fosse avesso aos rótulos de tropicalista que recebeu. Conviveu com artistas deste movimento, Jards Macalé, Caetano Veloso, Maria Betânia, Torquato Neto, Gilberto Gil e Gal Costa. Com Macalé e Torquato fez parceria em composições musicais; para Gal produziu músicas bem como alguns shows. Mais tarde teve como parceiros nas produções musicais artistas como Caetano Veloso (“*Mel*”, “*Talismã*”), Adriana Calcanhoto (“*A fábrica do poema*”, “*Pista de dança*”), Lulu Santos (“*Assaltaram a gramática*”) e Frejat (“*Balada de um vagabundo*”).

Amante dos livros, pouco antes de sua morte em 2004, assumiu cargo na Secretaria da Leitura, a convite do ministro Gilberto Gil. Defensor da leitura enquanto forma de libertação, “eu preciso ler, ler, ler, nisso eu cumpro os versos de Castro Alves que diz ‘livros, livros à macheia’”, para Waly, o livro é uma carta de alforria e a arte uma possibilidade de salvar a humanidade. Na Secretaria de Leitura tinha uma série de propostas para baratear o custo das editoras e facilitar o acesso ao livro em nosso país. Uma de suas propostas consistia em acrescentar livros na cesta básica dos brasileiros.

Lançou seu primeiro livro em 1972 intitulado “*Me segura que vou dar um troço*”, este surgiu durante o período em que Waly esteve preso na década de 60 por porte de uma “bagana”. Escreveu também a biografia do artista plástico e amigo Helio

Oiticica, *Qual é Parangolé?* (1996 e 2004); Em 1996 publicou o também o premiado *Algarvias- Câmara de Ecos*. Neste mesmo ano recebeu dois prêmios por esta obra o Alphonsus de Guimarães e o Pêmio Jabuti; Ainda é de sua autoria as obras: *Lábia* (1998), *Tarifa de embarque* (2000); *O mel do melhor* (2001) e *Pescados Vivos* (2004).

Quantitativamente não foi vasta a obra de Waly, no entanto foi muito significativa sua contribuição no campo literário e musical e alguns aspectos de sua poesia merecem ser discutidos. Aqui, nos deteremos a entender como Waly opera coma metalinguagem em sua construção poética.

A procura do poema

É a obra de Waly um caminho para entender a metalinguagem assim como é a metalinguagem um meio de entender a poética de Waly Salomão.

Trata-se de poesia que traz como temática o fazer poético. Denuncia a situação do poeta em seu tempo. Exige um leitor mais engajado que tenha compromisso com a arte literária e que não trate o processo de escrever poesia como inspiração, mas um exercício cotidiano, até chegar a materialização do poema. Tomaremos como exemplo para nossa análise o poema *Fábrica do poema, assim como alguns textos de outras poesias de Waly*.

Em *Fábrica do poema* (NR: *Algarvias Referência bibliográfica*), têm-se um eu lírico em conflito pela trajetória percorrida durante a construção de um poema. Tal é sua angústia que o poema é revelado oniricamente em sua “arquitetura ideal” (SALOMÃO, 2001, p.79-81).

Um elemento caracteriza *Fábrica do poema* como um poema pós-moderno típico; o dilaceramento, a fragmentação caracterizada nos versos “e o poema todo se esfarrapa, fiapo por/ fiapo” (p. 79, l.8-l.9) e na sua forma de construção, há versos dispersos ao longo do poema.

Ainda no primeiro parágrafo os elementos considerados pelo eu-lírico de sustentabilidade do poema “o prédio, pedra e cal” (p.79) evolam-se. Neste, tal qual o pernambucano João Cabral de Melo Neto, Waly refere-se metaforicamente a tarefa de escrever poesia assim como trabalhar em uma construção de concreto.

Na segunda estrofe, de forma angustiante o eu-lírico evoca figuras de linguagem desejando que estas colaborassem com a construção do poema que não se constitui:

“sinédoques, catacrezes,
metonímias, aliterações, metáforas,
oxímoros, sumidos no sorvedouro.
não deve adiantar grande coisa” (SALOMÃO,2001, p.80)

E uma confirmação: ainda que finja um sono, a poesia não se formará no inconsciente, e ainda que se forme, não se saberá “sob que máscara retornará o recalçado?”. Waly, leitor luterano de Drummond, deixa revelar, por meio do eu-lírico da poesia, que não adianta ficar na espreita e vigiar, pois não se sabe como as leituras outras que o influenciou aparecerão no texto. Neste fragmento é possível perceber o amalgamento intertextual realizado com *A procura da poesia*, pois, é semelhante a batalha travada com as palavras na constituição do poema. Em *Ler Drummond*⁴ o intertexto é claramente evidenciado (p.44)

“Estoicismo sem consolo nem vanglória.

A procura da poesia é um aparelho processador/ reprocessador
Que nulifica bazófias.

Sherazadiar:

Ler Drummond pela milionésima e mais uma vez e mais...”

Neste poema é revelado, de modo ensaístico, toda a sensação provocada no leitor ao tomar contato com a poesia drummondiana que é considerada “*uma aventura adâmica,/ um convite renovado ao espanto e a surpresa*” (p.43), há nele momentos de auto-referenciação, o autor, por meio do eu-lírico de sua poesia, revela suas experiências de leitura do poeta de Itabira.

Assim como acontece em *Fábrica do Poema e Ler Drummond* outros escritos de Waly são marcados de momentos metalingüísticos. Outro exemplo está no poema musicado por Adriana Calcanhoto⁵: REMIX “*SÉCULO VINTE*”, um poema-jogo, o

⁴ SALOMÃO, Waly. **Pescados vivos**. Rio de Janeiro:Rocco, 2004, 79 p.

⁵ Do álbum *Público*, gravadora Sony-BMG, 2000.

qual propõe ao leitor uma brincadeira lingüística, para tanto este terá que escolher palavras e levá-las “como **souvenis**”. No poema, todas as palavras escolhidas estão dentro do campo semântico “século vinte” a partir de seleção própria do autor, são algumas delas: pop, tropicália, parangolé, cibernética, maconha, sagarana, existencialismo, biopirataria, dada, internet, navilouca, poetizar, despoetizar.

É, pois, a metalinguagem um dos caminhos utilizados por Waly que inserem suas poesias no ambiente da pós-modernidade. Ao utilizar a função proposta por Jakobson (1971), Waly propõe um questionamento dos valores da tradição, e aí estamos novamente frente ao pós-modernismo, fazendo um retorno aos modernos – questionando, ou relendo-os criticamente - e reivindicando para os poetas deste contexto toda autoridade pela contribuição que tiveram sobre sua prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar Editor, 2001.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem**. Petrópolis;Vozes, 1970.

ECO, Umberto. **Sobre literatura**. Trad. De Eliana Aguiar. Rio de Janeiro:Record, 2003.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde**,1960/1970, RJ: Rocco, 1992.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo:Cultrix, 1971a.

_____.**Estruturalismo e poética**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo:Cultrix, 1971b.

SALOMÃO, Waly. **Armarinho de miudezas**. Salvador:Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

SALOMÃO, Waly. **Algaravias-Câmaras de ecos**. Rio de Janeiro:Editora 34, 1996.

SALOMÃO, Waly. **Pescados vivos**. 2004, Rio de Janeiro:Rocco, 79 p.

SALOMÃO, Waly. **O mel do melhor**. 2001, Rio de Janeiro:Rocco, 122 p.